

Letramento digital: construindo o uso social das tecnologias de informação e comunicação na educação infantil.

chris alves da silva¹
weranice m.b.brasil²
nina cláudia mello³

RESUMO

A infância vem sendo desafiada nos dias atuais pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) a reescrever seu caminho e repensar uma nova forma de relacionar-se com as tecnologias no seu cotidiano. Esta nova geração tem crescido em meio a "cliques" tecnológicos dos mais diversos. Dos brinquedos modernos, aos computadores, a outros aparelhos eletrônicos que ora desafiam a inteligência das crianças, ora as tratam como serem passivos. Este artigo explora a questão do letramento digital na teoria e na prática da Educação Infantil a partir da aplicação das Rodas de Conversa de Freinet entre crianças de duas escolas públicas localizadas no Distrito Federal e em Goiás. Observou-se que o letramento digital permite que as crianças da Educação Infantil construam sentidos e façam uso social das TIC's para serem utilizadas em práticas reais em seu cotidiano.

ABSTRACT

Childhood is being challenged these days by new Information and communication technologies (ICTs) to rewrite his path rethink a new way to relate with new technologies in their daily lives. This new generation has grown up among the most diverse technological clicks. Modern toys, computers, other electronic devices that either challenge the intelligence of children, or treat them as passive beings. This article explores the issue of digital literacy in theory and practice of Nursery School from the application of Freinet chat between children from two public schools in the Distrito Federal and Goiás. It was observed that digital literacy allows children of Nursery education to build sense and make social use of ICTs to be used in actual practice in their daily lives.

PALAVRAS-CHAVE:

Letramento digital. Educação Infantil. Tecnologia de Informação.

KEYWORDS:

Digital Literacy. Nursery Education. Information Technology.

INTRODUÇÃO

O ser humano ao registrar seus desejos e emoções pôde proporcionar uma vasta cultura escrita. As palavras antes eternizadas pela oralidade agora estão materializadas por símbolos que representam os sons. A escrita tornou-se então uma fonte de reflexão para a humanidade. Desde as pinturas rupestres até o livro impresso a escrita foi se reinventando de acordo com cada cultura e necessidade.

A linguagem é viva e dinâmica. Ela se (re) transforma e se faz presente no cotidiano de milhares de pessoas. O homem pré-histórico aprendeu a ler os próprios sinais, registros de momentos marcantes dentro da comunidade. Seu espaço de registro eram as paredes e as vivências do mundo sua inspiração. Segundo Cocco e Hailer (1996) o homem pré-histórico começou a dar significado aos seus

1 Licenciada em Normal Superior (UCB/DF), estudante do Curso de Especialização em Educação Infantil – (UCB/DF) e mestranda em Educação (UnB/DF).

2 Mestre em Planejamento e Gestão Ambiental – (UCB/DF); Especialista em Educação Infantil – (FSL/SP); Psicopedagogia – (Tuiuti/PR); Literatura Brasileira – (UCB/DF).

3 Mestre em Educação (UnB/DF)

desenhos para representar o seu mundo. Isso aconteceu com os sumérios, chineses e egípcios. Esses povos foram os primeiros a desenvolver uma escrita com aproximadamente seiscentos pictogramas. Ainda segundo os autores, os sinais desenhados foram evoluindo para outras formas. Assim os sumérios chegaram à escrita cuneiforme, ou seja, símbolos que indicavam algumas ações. Mas só este tipo de escrita não foi suficiente para representar as muitas possibilidades da escrita. A escrita pictográfica evoluiu e começou a representar os sons da fala. Por volta de 800 antes de Cristo os gregos introduziram as vogais para representar os componentes da sílaba, surgindo assim a escrita alfabética que conhecemos hoje.

A invenção da imprensa por Gutemberg, em meados do século XV, democratizou o acesso ao texto escrito em alguns locais na Europa, pois no mundo cristão ortodoxo, região representada pelo que conhecemos hoje como Sérvia, Romênia, Bulgária e no mundo mulçumano, houve grande resistência à impressão gráfica, justamente por desconhecer o impacto nos poucos letrados existentes na época (BURKE; BRIGGS, 2006).

A escrita tem seus desafios e com o tempo ela foi se transformando, de acordo com cada cultura em sociedade, haja vista que é a fala que evolui a escrita, ou seja, primeiro introduzimos novos vocábulos na fala e só depois ele é aceito na escrita. Só para exemplificar, no Brasil Colônia o pronome de tratamento era “Vossa Mercê”, hoje já utilizamos “você” e, na era digital, “vc”!

A aparição dos primeiros computadores foi em 1945 na Inglaterra e nos Estados Unidos. Os primeiros computadores eram considerados verdadeiras máquinas de outro mundo, totalmente misteriosas. Segundo Lévy (1999), na década de 1960 os computadores eram máquinas gigantescas, de uso exclusivamente militar e ficavam isolados em salas refrigeradas. Vestidos de branco, os militares, alimentavam os computadores com cartões perfurados, que de tempos em tempos, devolviam em forma de relatório cálculos incompreensíveis e específicos para a maioria das pessoas.

A comercialização dos computadores para empresas somente aconteceu na década de 1970. Os modelos eram mais simples que os computadores militares, mas o acompanhamento de um especialista era necessário. O uso do computador ainda era para poucos. Informações confidenciais das empresas ficariam nas mãos desses especialistas, alimentando a espionagem industrial. Foi no estado da Califórnia, que nasceu o desejo de democratizar o uso do computador o tornando acessível a todos os interessados. Esse movimento de contracultura forçou os profissionais da computação a pesquisar e desenvolver um computador menor e de uso pessoal. Agora o computador deixaria de ser um mero processador de dados, utilizados por poucos, para se tornar uma ferramenta de criação de textos, imagens, músicas,

organizador pessoal e apoio a pesquisas. Essas funções foram se aprimorando ao longo dos anos. Afinal, o mundo também estava se modificando. Era preciso avançar. (LÉVY, 1999).

A informática foi perdendo aos poucos suas características técnicas. A unificação com outros setores foi ficando inevitável. Setores da arte como o cinema, a música se beneficiaram muito com essa parceria. A década de 1980 inspirava mudanças. Novidades tais como os vídeos e o videogame estavam ganhando força e encantando milhares de crianças e jovens. Foi nesta década de mudanças que alguns jovens profissionais da informática idealizaram uma forma de trocar informações de forma rápida e com pessoas em outros países. Nasceram então a Internet cujo objetivo era permitir o acesso a informações e a transferência de dados e a Word Wide Web (www — cujo significado em português é rede de alcance mundial) um sistema de documentos que podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos, figuras, em hipermídia⁴ interligados e executados na Internet e que atualmente vem revolucionando os conceitos de comunicação e eventualmente os processos de aquisição de leitura e escrita.

Vivemos esta revolução atualmente com a internet, já que os textos impressos agora podem ser acessados pela rede. Alguns textos possuem imagens, músicas e sons diversos, possibilitando ao leitor um tipo de interação diferenciada (CHARTIER, 2002) dos textos impressos.

As crianças têm entrado em contato cada vez mais cedo com as Tecnologias de Informação e Comunicação — TIC's. Em contrapartida, as TIC's vêm sofrendo transformações significativas tanto na sua forma estética quanto na usabilidade. Os jornais são um exemplo simples de tecnologia de informação que vem ganhando ferramentas de interação para que o leitor participe da notícia on-line.

É preciso saber usá-las e ter consciência de sua utilização. De acordo com Soares (2002, p. 39), “letramento é o (...) resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita”. A proposta deste artigo é ir além. É dialogar sobre o significado de letramento digital e o uso social das TIC's em práticas reais na Educação Infantil.

4 Segundo o site Wikipédia, a palavra hipermídia significa a “reunião de várias mídias num suporte computacional, suportado por sistemas eletrônicos de comunicação.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hiperm%C3%ADdia>. Acesso em: out. 2007.

1 - Desenvolvimento

Atualmente não se pode negar a utilização das tecnologias de informação e comunicação pelas crianças. Cada vez mais cedo a interação com celulares, microondas, computadores e internet fazem parte desta geração tecnológica:

[...] a tecnologia eletrônica requer capacidades cada vez maiores de leitura e escrita. Do ponto de vista da alfabetização, não se deveria ensinar sem levar em conta as condições materiais de sua realização; do ponto de vista da aplicação educativa das tecnologias da informação e da comunicação (TIC's), não se deveria encarar apenas como uma questão técnica, fora dos registros cognitivos que permitem seu uso. [...] Ao longo da história, os suportes materiais do texto e os instrumentos de produção foram mudando: com a mão, com a imprensa, com a eletrônica. Ao mesmo tempo, também foram mudando as funções do texto, o conhecimento implicado e as atividades requeridas nessa interação. (TEBEROSKY, 2004, p.153).

As crianças já interagem em seu cotidiano com as TIC's de forma natural e uma proposta de alfabetização e de uso dessas tecnologias centrada somente na decodificação da língua e na forma técnica de utilizá-las é proporcionar um retrocesso. Com os avanços tecnológicos os processos cognitivos para aquisição da leitura e escrita não são os mesmos de anos atrás. Atualmente, a leitura de um texto on line requer um tipo de leitura mais intensa. A leitura sobre a tela do computador, com som, animação, é bem diferente da leitura que se faz sobre o texto impresso.

Esta mudança na relação com a escrita pode ser sentida atualmente na forma como as pessoas se relacionam com esta nova maneira de raciocinar, de ver o mundo da escrita. O texto ganha outro sentido. Nos dias de hoje, com o advento da internet, documentos digitais (hipertextos), jogos eletrônicos mais interativos, nas trocas de arquivos, há de se repensar a alfabetização inicial e os materiais utilizados na aprendizagem, visto que:

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material e menos ainda sua parte artificial das idéias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. (LÉVY, 1999, p.22).

A aprendizagem dos seres humanos não está limitada ao ambiente escolar e aos seus conteúdos. Ela está presente nas diversas situações do dia a dia, como no ato de andar, no aprender a falar, nas relações sociais, na interação com as tecnologias etc. Segundo Vigostky (1998), as crianças aprendem muito antes de frequentar a escola. E com elas, existe uma história prévia em relação aos usos das tecnologias, que não pode ser ignorada. A escola por sua vez não pode ficar inerte a realidade de seus estudantes, é preciso identificar o que os estudantes reconhecerem no mundo tecnológico. Vale destacar o interesse que a própria tecnologia desperta nas crianças quando esta pode ser um meio para experimentar um mundo novo, divertido, além da técnica sem objetivo. Segundo Nogueira (1998):

O computador está na escola, mas está também na casa dos pais, tios, primos, amigos; no trabalho de pais ou parentes. E, nesses lugares, ele não é só de criança, objeto escolar; mas é objeto-de-gente-de-todas-as-idades. Objeto como são roupas, os sapatos, a maquiagem, a máquina de escrever, de calcular, as panelas, os copos e os talheres. Utilitários do cotidiano que, nas mãos das crianças, transformam-se em vestidos de baile, sapatos de cristal, máquinas futurísticas, tambor, piano, ou que mais a imaginação permitir. [...]

“

atualmente, a leitura de um texto on line requer um tipo de leitura mais intensa. a leitura sobre a tela do computador, com som, animação, é bem diferente da leitura que se faz sobre o texto impresso. ”

Com o computador não é diferente: a criança apropria-se da tecnologia pertencente ao mundo profissional adulto, transforma-a em brinquedo, aparelho-jogo, máquina lúdica, decretando a renovação de sua existência.

Ferreiro (2001) defendeu a importância dos educadores viverem em um mundo alfabetizador, tendo o prazer pela leitura, para então apresentar este mundo às crianças. Em relação às novas tecnologias não deve ser muito diferente. O educador, sobretudo o infantil, precisa

experimental em sua prática cotidiana o que deseja despertar nas crianças.

Em contrapartida, a realidade atual brasileira é assustadora. As crianças pobres ainda estão fora da escola, falta educação profissional no país. Nem todos e todas ainda usufruem do espaço escolar e das tecnologias desta era moderna.

Atualmente há ações privadas e públicas, que estão sendo propostas para democratizar o acesso das crianças e professores as TIC's. O Ministério da Educação por meio do projeto Proinfo (Programa Nacional de Informática na Educação) tem ambicionado instalar laboratórios de informática em 54.097 escolas e até 2010 em 138.405 escolas com mais de 50 alunos. A questão é como esta geração ira se relacionar com as tecnologias? Como os professores destas crianças têm realmente se relacionados com as TIC's?

De acordo com pesquisa realizada pela UNESCO (2004) 58,4% dos professores brasileiros não navegam pela internet; 59,6% nunca utilizaram correio eletrônico e 53,9% não se divertem com o computador. É preciso que o educador, sobretudo o infantil, identifique em sua realidade, experimente antes de forma efetiva, as TIC's presentes no cotidiano desta nova geração. Para que então possa com propriedade aliar ao cotidiano escolar. É importante ressaltar que a utilização das TIC's não pode ser alienante. As crianças constroem e tem hipóteses sobre o mundo a seu redor.

O processo da aquisição da escrita é um exemplo. Para reconstruir as palavras, as crianças primeiramente devem se apropriar dela. Um bom exemplo é se a criança possui o hábito de utilizar o computador, seja em sua própria casa, na casa de amigos ou na escola, ela inicia uma aproximação com uma linguagem nova. As letras estão dispostas em um teclado e não estão em ordem alfabética. Ela percebe que a partir das junções dessas letras, existe a possibilidade de formar palavras, as palavras podem formar textos e assim a criança pode se comunicar, expressar seus sentimentos, representar o seu pensamento por meio do texto digital.

O educador será o mediador desse processo, propondo aulas onde a criança poderá expressar-se neste espaço, através de textos coletivos, brincadeiras cooperativas com jogos multimídias, livros interativos e até mesmo navegação pela internet em sites adequados para a idade das crianças:

O que sabemos é que os professores que se atrevem a dar a palavra às crianças e a escutá-las descobrem rapidamente que seu próprio trabalho se torna mais interessante (e inclusive mais divertido), embora seja mais difícil porque os obriga continuamente a pensar. (FERREIRO, 2001, p.15).

Diante das teorias que regem a educação atual⁵, muitos ainda se sentem inseguros de transgredir o que já está dando certo. A resposta a esta insegurança é simples:

[...] Porque profissionais que não acreditam realmente em numa idéia acabam fazendo o que julgam o mais adequado - ou o possível, dentro do contexto. É como se pensassem: 'melhor fazer bem o que sei ou o que consigo, do que mal o que sei fazer'. (ZAGURY, 2006, p.234).

O sentimento de insegurança diante do novo é um sentimento normal do ser humano. O diferencial está em tratar essa insegurança em relação às novas tecnologias de forma inteligente, por meio de ações que valorizem o conhecimento prévio do professor e as muitas possibilidades de interação que estão disponíveis atualmente infelizmente a uma parcela ainda pequena da população. Vivemos em um século em que os diversos tipos de tecnologias interagem com os diversos tipos de aprendizagem, implicando em uma nova linguagem.

“o educador, sobretudo o infantil, precisa experimentar em sua prática cotidiana o que deseja despertar nas crianças.”

Nenhuma criança seja da cidade ou do campo está passiva a aprendizagem. Elas estão conectadas no mundo visto que, “É construindo representações, símbolos, que a criança registra, pensa e lê o mundo.” (FREIRE, 1983, p.25).

As Tecnologias de Informação e Comunicação tem feito parte do cotidiano do ser humano cada vez mais cedo. Nossa sociedade está se modernizando a cada dia na contra mão das necessidades dos brasileiros. E este fato que não pode ser mais ignorado. O contato com as TIC's ainda na Educação Infantil poderá contribuir para seu desenvolvimento cognitivo e intelectual. A criança precisa experimentar para aprender.

Parafraseando Soares (2002), letrar-se digitalmente é muito mais do que aprender a usar de forma técnica as tecnologias de informação e comunicação, mas apropriar-se delas no cotidiano. É fazer uso social das TIC's de forma convivencial com liberdade e responsabilidade:

5 Nosso receio é que muitos professores vivam como reféns da atualidade e do acaso. E pensem que inovar signifique estar limitado/preso somente a discursos, ou mudanças físicas que satisfaçam “os olhos” dos clientes que buscam o serviço escolar.

Enquanto atuo como homem, sirvo-me de ferramentas. Quer eu a domine, quer seja por ela dominado, a ferramenta ou me liga ou me desliga do corpo social. Enquanto eu dominar a ferramenta, dou ao mundo o meu sentido; quando a ferramenta me dominar, a sua estrutura conforma e informa a representação que tenho de mim mesmo. (ILLICH, 1973, p.38)

Ferramentas como a televisão, jornal tão comuns atualmente, vem sofrendo transformações significativas que possibilitarão ao leitor uma maior interação. As crianças estão crescendo ao longo desse processo, e como parte integrante do mundo, elas tem o direito de imprimir o seu sentido, no uso das TIC's.

“

vivemos em um século
em que os diversos tipos
de tecnologias interagem
com os diversos tipos de
aprendizagem

”

2 - Apresentação da pesquisa

Durante ano de 2007, no curso de Especialização em Educação Infantil, foi realizada uma pesquisa pela professora Chris Alves da Silva, em 2 (duas) escolas diferentes, cujo objetivo era compreender como as crianças da Educação Infantil, na idade de 04 a 06 anos percebem as TIC's no seu dia-a-dia.

Para dar voz às crianças nesta relação com as TIC's, foram propostas rodas de conversa, que de acordo com a proposta de Freinet, proporciona um momento de reflexão e experimentação. É no momento da roda de conversa que as crianças falam de suas necessidades, questionam, tem a possibilidade de desenvolver a linguagem e exercer o direito de cidadania e trocar conhecimentos com os colegas e o professor. A roda de conversa é uma prática muito utilizada em classes de Educação Infantil e tem características semelhantes ao grupo focal, instrumento já validado para o uso em pesquisas sociais. A opção pela roda de conversa se deu pelas características da amostra a ser pesquisada.

A pesquisa aconteceu com crianças da Educação Infantil em duas escolas públicas localizadas em Valparaíso de Goiás-GO e Taguatinga-DF. Ambas atendem respectivamente 360 e 388 crianças exclusivamente na Educação Infantil. Para as rodas de conversa, desenvolvidas durante a pesquisa, foram escolhidas em cada escola 2 (duas) classes, sendo uma de 1º e outra de 2º período, equivalentes ao jardim I e II, com idades entre 04/05 e 05/06 anos.

No centro de Educação Infantil de Taguatinga-DF, nas duas classes onde foram realizadas as rodas de conversa, participaram também crianças com necessidades educacionais especiais. Para motivar a conversa foram utilizados cartazes com figuras de algumas tecnologias, a



figura 1 - computador



figura 2 - televisão



figura 3 - celular e jornal



figura 4 - laptop feito de caixa de papelão

saber, computador (figura 1), televisão (figura 2), celular e jornal (figura 3) e um laptop feito de caixa de papelão (figura 4).

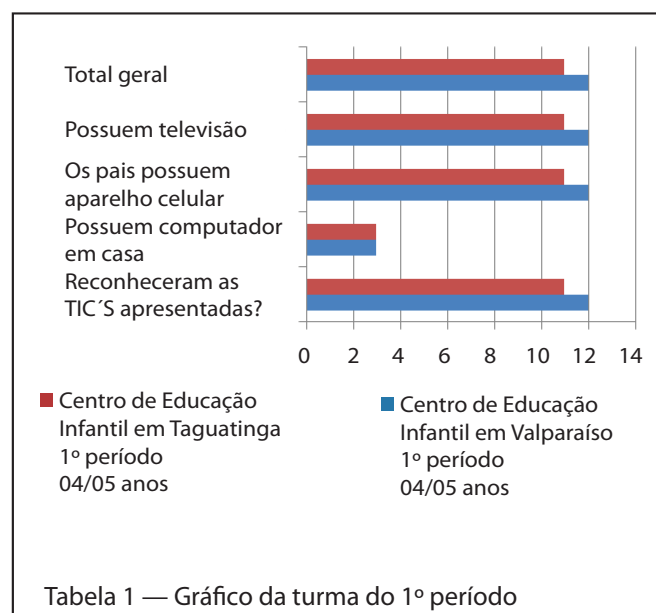
Vale esclarecer que entre as figuras apresentadas nos cartazes, somente o computador e o laptop representam instrumentos do letramento digital, sendo que o jornal, televisão e celular para configurar um TIC's precisariam utilizar tecnologias específicas para tal fim.

As rodas de conversas aconteceram de forma natural. As crianças se mostraram curiosas e respondiam as questões com precisão. As crianças do 1º período (04/05 anos) de ambas as escolas, reconheceram e falaram da utilidade do aparelho de MP3. Uma das crianças perguntou se todos ouviriam música ou se a voz da turma seria gravada. Uma segunda criança questionou se a voz da turma ficaria presa para sempre dentro do MP3. O questionamento foi a ponte para o início de uma excelente conversa sobre as TIC's.

Ao visualizarem o cartaz do computador (figura 1) as crianças do 1º período (04/05 anos) de ambas as escolas o reconheceram sem dificuldade nenhuma. Quando questionadas sobre o uso do computador, as crianças responderam prontamente que o computador serve

para ver fotos, para mandar cartas, “serve para escrever” respondeu uma das crianças, ver “coisas de comida”, para jogar e acessar o Orkut⁶.

O interessante é que do total de 23 crianças do 1º período, somente 26 por cento das crianças afirmaram ter computador em casa (tabela 1).



Percebe-se que os aparelhos de TV e celular são a maioria nas residências e que as crianças possuem conhecimento de como utilizar esses aparelhos bem como sua utilidade no cotidiano. Uma das crianças do 1º período ao ver o cartaz do jornal e do celular (figura 3) correu para buscar algo e voltou para a roda de conversa, trazendo um aparelho de celular de brinquedo e pediu para que os colegas gravassem o número e o nome em seu aparelho. Segundo Teberosky (2004, p. 153),

(...) a tecnologia eletrônica requer capacidades cada vez maiores de leitura e escrita. (...); do ponto de vista da aplicação educativa das tecnologias da informação e da comunicação (TIC's), não se deveria encarar apenas como uma questão técnica, fora dos requisitos cognitivos que permitem seu uso.

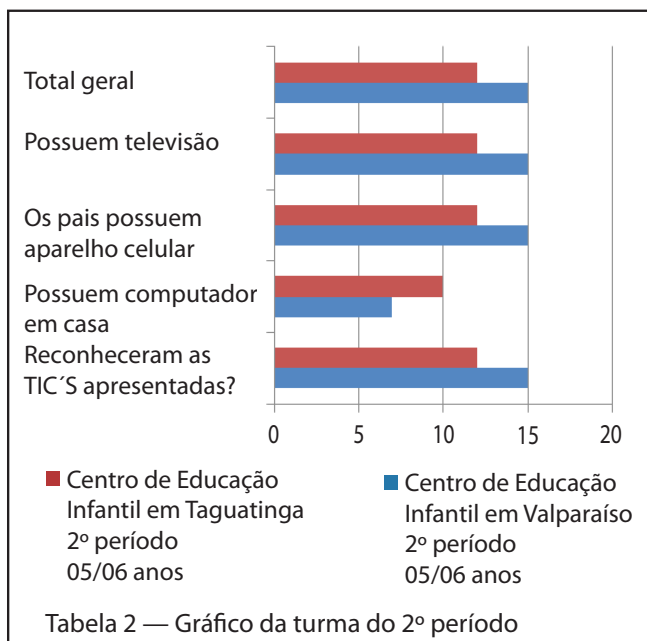
Outro fato significativo foi o uso do laptop (figura 4) pelas crianças do 1º e 2º períodos. O laptop, confeccionado de papelão, foi apresentado às crianças no segundo momento da roda de conversa. Para surpresa dos presentes que acompanhavam a roda de conversa, as crianças reconheceram e mostraram, sem precisar de orientação, como utilizá-lo. Combinamos então, escrever uma mensagem para toda a classe e deixar “salvado”, como disseram alguns, no laptop.



Foto: Myrcia Hessen

⁶ Rede virtual de relacionamento, muito utilizado atualmente no Brasil.

A roda de conversa no 2º período também foi muito interessante. As crianças reconheceram sem nenhuma dificuldade as TIC's apresentadas nos cartazes (figuras 1, 2, 3 e 4) sem nenhuma dificuldade. Quando questionadas sobre para que serve o computador as crianças usaram os termos "acessar a internet", "mandar e-mails", "falar no Orkut", "para estudar", além de descrever que com o computador é possível escrever, visualizar fotos e para jogar. Quando questionadas sobre como elas gostariam de usar o computador as respostas foram variadas. As crianças responderam que gostariam de "colocar fotos no computador", "aprender a ler e escrever", "brincar", "escrever nomes" e "desenhar". As demais TIC's foram reconhecidas e seus usos relatados de forma habitual. De acordo com a tabela 2, do total geral, 27 crianças, do 2º período participantes da roda de conversa, 62,9 por cento das crianças já possuem computador em casa, uma porcentagem bem maior que as crianças do 1º período, o que não impede o conhecimento do uso dessa tecnologia em particular.



Percebe-se então que a competência para ser alfabetizado para essa geração precisa ser repensada. Atualmente as capacidades de uso da leitura e escrita se tornaram mais exigentes. Segundo Teberosky (2004) a tecnologia mudou a relação do homem com a leitura e escrita e esse fato não pode ser mais ignorado nas escolas. É preciso então repensar o currículo escolar, inserindo de forma significativa, dentro da realidade local, as TICs — Tecnologias de Informação e Comunicação. O Educador Infantil precisa repensar sua prática e sair do lugar comum para inovar. Não é algo fácil, porém, se faz necessário nos dias atuais caminhar ao lado dos educandos para um aprendizado diário. As crianças mesmo tão pequenas podem oferecer muitas lições e de suas vontades e curiosidades podem nascer muitos projetos.

Convém lembrar que as crianças têm interesse em aprender sobre e com as TIC's. Para esta geração, o computador, MP3, Orkut, Msn, Second Life já fazem parte de suas vidas. São os adultos, principalmente os educadores infantis que precisam se atualizar para redescobrir como é bom se aventurar neste mundo novo. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfrentar algo novo é sempre um desafio. Para alguns educadores, as novas TIC's é um desafio constante e longe de sua realidade. A facilidade com que essa nova geração vê a TIC's é muitas vezes constrangedora para o educador e sair do seu "lugar" e dialogar com as crianças é uma ação de amor e coragem.

Essa nova geração já se apropriou dessas novas tecnologias e a questão é como integrar os conteúdos e as TIC's. Ficou evidente que a competência para ser alfabetizado está maior agora do que a anos atrás. Propor situação que valorizem o uso das tecnologias para sala de aula pode ser possível com idéias inovadoras e criativas. O ideal é que cada escola, cada turma de alunos, tivessem em suas mãos a possibilidade do uso das TIC's, mas não tendo, vale proporcionar visitas em locais que possibilitem as crianças o manuseio e até mesmo desenvolver atividades na própria escola com computadores ou laptops disponíveis.

Na impossibilidade da utilização das TIC's pelas crianças no ambiente escolar, apresentar um laptop de papelão (figura 4) seria uma sugestão possível, favorecendo uma conversa inicial sobre o uso das TIC's. O laptop poderia ser adaptado para mostrar os desenhos da classe em relação ao tema, ou até mesmo um texto coletivo da turma. O celular, que hoje disponibiliza recursos diversos, poderia inspirar a criação de uma agenda da turma, através de desenhos, seguido do nome do coleguinha, ou até mesmo, simular o envio de e-mail. Teríamos uma ótima oportunidade para que a criança perceba a escrita como parte do seu cotidiano. Enfim, muitas atividades podem surgir de acordo com o interesse das classes de Educação Infantil.



Foto: Myrcia Hessen

O Educador Infantil tem uma tarefa muito especial pela frente. Refletir sobre sua formação e buscar formas de se aperfeiçoar, exigindo as iniciativas do estado se for necessário. É preciso estar consciente que seu papel não é o de embrutecer as pessoas, mas mostrar a possibilidade de aprender o que se ignora, pontuando ações que façam a diferença na vida de cada criança. Com esse ato de comunhão, aprender e ensinar se tornará algo belo e prazeroso. ■

Referências

- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006. 375p.
- CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 144p.
- CÓCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antônio. Didática de alfabetização: decifrar o mundo: alfabetização e socioconstrutivismo. São Paulo: FTD, 1996. 104p.
- FERREIRO, Emília. Com todas as letras. Tradução Maria Zilda da Cunha Lopes. 9° ed. São Paulo: Cortez, 2001. 102p.
- FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora. 16° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 123p.
- ILLICH, Ivan. A convivencialidade. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973. 137p.
- KLEIMAN, Angela B. Os significados do Letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. 294p.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264p.
- NOGUEIRA, Letícia. Imagens da Criança no computador. In: Infância e Produção Cultural. KRAMER, Sonia et al. Campinas: Papyrus, 1998. p. 109-129
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 128p.
- TEBEROSKY, Ana. Alfabetização e Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). In: Contextos de Alfabetização Inicial. Tradução Francisco Settineri. Teberosky, Ana; GALLART, Marta Soler et al. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 153-164.
- UNESCO. O perfil dos professores brasileiros: O que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004. 220p.
- VIGOSTKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/ organizadores Michael Cole (...) et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6° ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 191p.
- ZAGURY, Tânia. O Professor Refém: Para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006. 301p.